

Crônicas

Edy Isaias

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

A MULA SEM
CABEÇA

AXXULA

SEM
CABEÇA

Aparecia ali ~~em~~
nos fundos do campo de futebol
do colégio IE.

Como toda assombração que
se preze, aparecia nas sextas
feiras e depois da meia noite.

Os que viram, a coisa di-
ziam que a mula corria naquela
quadra e botava fogo pelos o-
lhos.

Esta aparição aconteceu por
muitos anos.

Uma bela manhã, quase na es-
quina com a rua dos Andrades a-
pareceu, no meio da rua, um e-
norme buraco, cavado durante a
noite. Dali dizem que tiraram
uma enorme panela de dinheiro,
ouro, joias, etc... e tal.

depois daquele momento a
mula não apareceu mais.



O MEDO
DE FANTASMA

Este amigo que me contou era famoso nestes causos. O avô dele, o pai dele, todos eram vizinhos do compadre Salustiano e da comadre Soca.

Diz que uma noite um conhecido da família ficou até mais tarde de conversa ali pela gare da viação férrea. Passava da meia noite. Ele morava lá prás bandas da Vera Cruz, e naquele tempo não se chamava Vera Cruz. A rua Teixeira Soares era a rua do quartel do Oitavo.

O retardatário saiu apressado, pois tinha de passar na frente do Cemitério.

Perto de Cemitério encontrou um sujeito que ia indo para aquele lado. Criou ânimo e pensou - agora não estou só.

Foram conversando animados. Quando estavam na frente do Cemitério ele disse pro outro - Eu sempre tenho medo de passar, de noite, sozinho por aqui. O outro olhou prá ele e respondeu - quando eu era vivo também.



O MEDO
DE FANTASMA

O LOBISOMEM DA VILA LUIZA

- 3 -

Ali na vila Luiza, naquele tempo não tinha esse nome, bem no começo da rua Benedito Acauã, moravam umas famílias. Diziam que um dos filhos de uma daquelas famílias era lobisomem.

O apontado, namorava a filha de uma das outras famílias do local. Aí noivaram. Uma noite foram passear e voltaram tarde. A noiva estranhou que, o

noivo a meia noite disse que ia chegar numa casa ali perto mal desapareceu, surgiu um cachorrão que se jogou nela. Ela se defendeu e conseguiu chegar em casa, com vestido, novo, em tiras.

No outro dia, o pai da noiva perguntou pro rapaz, onde ele estava que não acudiu a noiva. Ele deu uma resposta qualquer e desviou o assunto. De repente ele deu uma risada e entre os dentes, dele, o pai da moça viu fiapos do tecido, do vestido da filha.

Noutra noite prepararam uma armadilha e quando o cachorrão apareceu, deram uma estocada nele, com um punhal de prata. O cachorrão fugiu mas, no outro dia encontraram o rapaz morto, ferido por uma estocada.



A CAPELA DE SÃO

VICENTE

~~VICENTE~~



- 4 -

Os bem mais velhos contam que, ninguém escolheu o local da igreja de São Vicente. Dizem que, a imagem vinha numa carroça e quando chegou naquele local, quebrou a roda. Ali fizeram a primeira capela. Depois por várias vezes trouxeram a imagem para a Matriz da Conceição - mas, no outro dia amanhecia, lá, na capela de São Vicente.

A APAR LEÃO

- 5 -

Este aparecia de dia. Bem no local onde hoje está construído o edifício Costa - Brava morava uma família muito rica. Um dia o chefe da família pegou todas as joias, colocou num pote de barro, mandou o escravo abrir um grande buraco, colocou o pote lá no fundo e matou o escravo. Ali naquele local nasceu uma árvore. Muita gente via, assim de tarde, um negro sentado embaixo da árvore.



DE BAIXO DA ÁRVORE

O BAILE DA QUARTA FEIRA DE CINZAS

Os negro sempre res-
peitaram a quarta fei-
ra de cinzas. Sabiam
que depois da meia ná
noite da Terça Feira,
Gorda, ninguém devia
dançar mais. O Clube-
Visconde, sempre res-
peitou este costume.
Teve um clube, de ne-
gros que não respei-
tou continuaram dan-
çando depois da meia
noite.

De repente entrou -
no salão, um negrão -
muito, bem, vestido .
Já foi tirar a moça -
mais bonita do baile.
Conversava muito bem
e dançava melhor, ain-
da.

Todos estavam en-
cantados com ele.
Foi então que alguém
olhou para os pés de
le e gritou "E não
tem pé, tem patas."



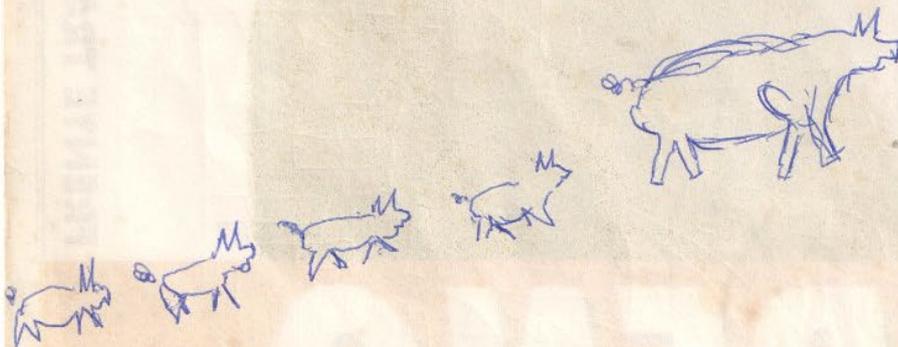
OS PORQUINHOS DA DEZ (Z) DE ABRIL

- 7 -
Minha vó, sempre, -
contava - não andem B
nas ruas depois da mé
ia noite. Depois da -
meia noite quem coman
da são as almas pena-
das As almas das pes
soas que foram ruins
quando eram vivas.

Uma noite, que ela -
veio nos visitar e jo
gar víspera, esquece-
ram das horas. Aí re-
solveu ir embora. Era
quase meia noite. Mi-
nhas três irmãs mais
velhas moravam com e-

la. Ao sairem de casa
pela avenida Brasil,
foram pela rua Dez de
Abril até a, rua, Mo-
ron.

Ao chegarem na esq
quina da Dez de A, ril
gelaram. Uma enorme -
porca atravessou a ru
a com uma fileira de
porquinhos atrás. Sai
ram da parede do lado
esquerdo e sumiram na
parede, da casa, do -
lado direito. Só a mi
nha vó foi quem viu.
minhas irmãos que est
tavam, com ela, não.



BAILLE

NA

SEMANA

SANTA



8-

Meus avós, os avós dos meus avós, sempre diziam - Não presta - dançar na Sexta Feira Santa. E acrescenta - vam se vocês encontrarem, algum, baile neste dia, espiem pelo buraco da fechadura e vão ver, lá dentro, - um monte de cabritos - dançando de pernas - prá cima. E, tudo bode preto.

Tinha gente que jurava já ter visto baile de bode.

O SOLDADO

DO

PINHEIRO
TORTO

Há uns dois quilômetros da capela de São Miguel, ali pelo Pinheiro Torto, na estrada velha que vai para Pulador, agora tem uma granja mas ali tinha uma fazenda.

Uma noite, um filho da fazenda chegou de viagem. Era, bem tarde de da noite. Quando ele foi abrir a porteira, um soldado, abriu prá ele. Ele agradeceu e entrou.

“m casa quando ele chegou foi uma festa.

Aí ele perguntou?

- Tem soldado fazendo instrução por aqui?
- Responderam que não. Ali tinha sido lugar de muito combate durante as revoluções.



-10-

Ali pelos lados do bairro Santa Marta era puro mato. Matao fechado mesmo. Tinha porco do mato, jaguatirica, o gato do mato, leão baio, bugio. Muito bugio, daqueles grandões, que roncavam dia e à noite inteira, empoleirados nas árvores. O Bugio é o maior macaco, aqui do Rio Grande do Sul. Tem o pelo avermelhado.

Todo o caçador sabe Não se deve caçar bugio.

Tem caçador que não liga pra isso. Desde os negro que vieram da África, é costume comer carne de macaco. E, Este costume não foi esquecido aqui no Brasil, muito menos, aqui, em Passo Fundo.

Um conhecido da nossa família era um - desses. E ainda conta va. -Quando a gente aponta a espingarda a bugia mostra o bugiozinho, pra gente não atirar, mas, eu atiro E assim agia. Até que um dia a mulher teve um nenê e o filho tinha cara e pelo de bugio.



O CAÇADOR DE BUGIOS.

O SONHO DA TIA GUILHERMINA



- 11 -

A tia Guilhermina -
 vivia apavorada. Ti -
 nha temporadas que e -
 la sonhava a mesma -
 coisa. Era deitar, -
 pegar no sono e l-a -
 vinha um velho que a
 pegava pela mão e a -
 levava até u, determi -
 nado local do Clube -
 Visconde do Rio Bran -
 co e mandava que ela
 cavasse, ^{um buraco} ali, ti -
 nha ouro enterrado. E
 la ficava cheia de me -
 do e não ia lá, no -
 clube fazer o buraco.
 Foram muitos anos as -
 sim e ~~ela~~ nada. E, e -
 la tinha de ir só. Ela
 nunca foi e o sonho -
 se repetindo. Resulta
 do - os últimos anos -
 da vida dela termina -
 ram, com ela, complet -
 tamente louca mas, -
 não agressiva.

word
 figura → quadros de / color → copias
 desenho -

A PROCISSÃO DE SÃO LUIS DA MORTANDADE



- 12

A madrugada já ia -
longe. O meu avô, mais
outros parentes se diri-
giam pela estrada. -
Alí por perto, onde ho-
je tem a igreja de São
Luiz da Mortandade. -
Trecho que fica entre
Passo Fundo e Marau.
Eles tinham plantações
de milho, dali até as
barrancas do rio Taqua-
ri. Por ali era a anti-
ga Posse dos Negros,
hoje Posse Boa Vista.-
Ao chegarem naquele lo-
cal, viram uma, grande
procissão, eram todos
negros e todos estavam
vestidos de branco. E-
ram os parentes, dos -
avôs, degolados na re-
volução de noventa e
três,

Meu avô contava e se
arrepiaava.

RESIDENCIAL

DIÁRIO

-73-



O pessoal que vinha nos bailes do Clube Visconde, quando passava, depois da meia noite, em frente a uma velha casa, da rua Moron quase esquina com a rua Dez de Abril, sempre viam uma mulher, de branco, parada na frente. Isto foram vários que viram. A casa passava, muito, tempo vazia. Alguns moravam por algum, tempo, e se iam embora. Num desses tempos em que a casa ficou, praticamente abandonada, numa manhã amanheceu um, enorme, buraco na sala da frente. Tinham tirado, não se sabe quem, uma panela de dinheiro daquele lugar.

Nunca mais a mulher de branco apareceu.

A APARIÇÃO
DA CASA
DA MORON

O PIANO DO PROFESSOR

- 14 -

O professor, de música Hormino de Freitas-Ubaldo, sempre, foi um grande amigo e parceiro do pessoal do Clube

Visconde do Rio Branco. Muitas vezes, ele fez a música das marchinhas de Carnaval, do clube.

No piano dele, muita gente aprendeu a tocar e muito bem.

Depois da morte do professor Hormino, o piano dele foi doado para um, seu, ex-aluno.

Me contaram que na madrugada que antecede o aniversário do professor, quase ao amanhecer, o piano começa a tocar, sozinho, uma das valsas preferidas do professor.

Atualmente o piano se encontra no museu municipal.



A GUARITA DO OITAVO



- 15 -

No tempo do Oitavo -
Regimento de Infanta -
ria, do Exército Nacio -
nal, a gente tinha a
impressão que, a maio -
ria dos soldados eram
negros e sócios do -
Clube Visconde. E na
verdade, era isso mes -
mo. Muitos desses sál -
dados, negros, eram da
bande de clarins.

Era, por exemplo o
Cridão, o Chinês ou Gi -
neis, o fumaça, o Armê -
nindo, o Lopo, o Gerôn -
cio e muitos outros, -
que não me ocorrem no
momento.

Todos contavam que í
tinha uma guarita as -
sombreada ali no quar -
tel. De noite ninguém
gostava de tirar servi -
ço naquilo lugar. Pois
ali, sempre, aparecia
um guarda para substi -
tuir o que estava na -
hora, quando o que es -
tava, entregava o fu -
zil, a arma caía no -
chão. E o guarda vira -
va em pernas com os o -
lhos saltando para fo -
ra.

O CAÇADOR TEIMOSO



- 17 -

Sempre diziam pro cara não vá caçar na sexta feira santa. E ele que nada eu vou, só prá mostrar prá vo cês. E ia. Num sexta feira Santa ele foi. Viu uma coisa se mexer lá numa árvore, não teve dúvidas. lascou fogo. Aí caiu nos pés dele, o próprio cachorro. Ele voltou prá casa. mudo e com os olhos arregalados.

Muitos anos depois com muita reza e muita promessa a São Miguel, ele voltou a falar e desarregalou os olhos.

O CAÇADOR TEIMOSO

A costureira
da rua Uruguai,

Sempre são os avós que con-
tam ~~os~~ ^{esses} causos. Aqui na rua
Uruguai. aqui no boqueirão, t
tinha uma senhora que era ~~uma~~
excelente costureira, Ela sem-
pre ficava ~~costurando~~ até al-
tas horas da noite. Os mais
velhos. mais vividos. sempre
diziam prá ela - não sature
até altas horas da noite,
não presta. Ela não dava impo-
rtância. ~~Uma noite~~

~~À~~ ^{Uma} ~~uma~~ ^{noite} ~~noite~~, passava da mei-
te, passava da meia noite, ela
estava com a janela aberta,
Chegou uma mulher toda de bra-
nco e perguntou, por que
você xostura até esta hora?
Não perturbe o nosso descan-
so, Essas horas são nossas.
E desapareceu.

A senhora da rua Uruguai
contou o acontecido e nunca
mais trabalhou até tarde da
noite.

da costureira
da
rua Uruguai



Uruguai

- 19 -

O homem na
estrada

Eles vinham vindo na estrada de São Vendelino, Eram três no automovel, Vinham ~~de~~ tomando cachaça e dando risada, Faziam ^{Troça} troça de tudo, até das pessoas que tinham morrido. De repente se perderam na estrada. Não sabiam para onde ir nem o onde estavam. Também de repente apareceu um homem na beirada da estrada. ~~¶~~ para tam e perguntaram prá ele onde estavam, aí ele ensinou. Perguntaram se ele queria carona e ele disse que não precisava que morava ~~aí~~. Chovia muito naquela noite e o homem não estava molhado. Eles agradeceram e continuaram a viagem. E também de repente, passou o efeito da cachaça. Só foram falar, de novo quando chegaram em Passo Fundo.

O HOMEM DA ESTRADA



O filho
do fazendeiro

Certo fazendeiro:

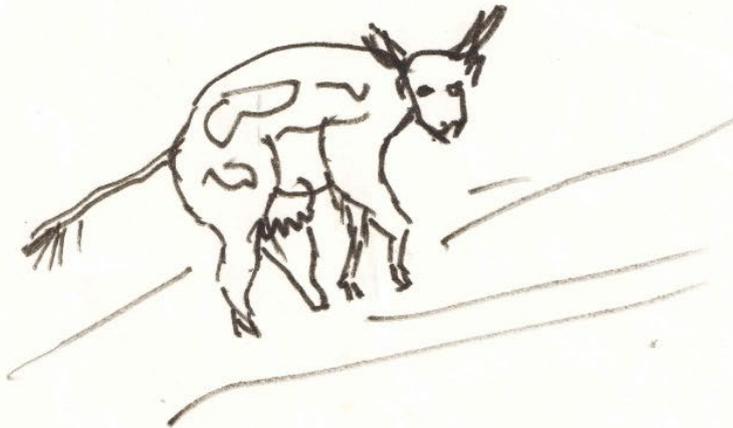
Pinha um filho que era tremendamente ambicioso. Tudo o que era de melhor, era prá ele

Moravam numa fazenda aqui no Boqueirão. Isto há muitos e muitos anos. Meus avós é que contavam.

O chefe da família morreu e eles repartiram a herança. O mais ambicioso exigiu o que tinha de melhor, os outros deram. Entre o que tinha de mais bonito, existia uma vaca, muito linda mas não dava leite, mas ele exigiu a vaca, deram. *a vaca para ele.*

Como ela não dava leite ele mandou carnear. A vaca era só a couro encima de ossos, era oca, não tinha nem buchada. O ambicioso enloqueceu quando viu aquilo. Dizem que até hoje, vez que outra, ele aparece na cidade e em vários lugares.

○
FILHO
DO
FAZENDEIRO



A mulher
do Mato
do Barão

Foi o Paulo que me contou, - todas as manhãs, bem cedo, lá pelas quatro horas da madrugada, ele ia para o trabalho. Sempre passava pelo mesmo caminho. Uma travessa dos fundos do quartel do exército, com a rua 10 de Abril. Até hoje ainda tem uma árvore que sobrou do que foi o Mato do Barão. Perto daquela árvore, sempre, estava parada uma mulher de branco. Interessante que ele não sentia medo nenhum dela. A cumprimentava e ela só sorria pra ele. Ele olhava para trás e ela já tinha desaparecido. Ele comentava com os conhecidos mas ninguém, dos vizinhos via qualquer coisa.

Depois ele também não viu mais nada. Coisas estranhas começaram acontecer pra ele.

Os mais velhos, bem mais velhos mesmo, dizem que quando as almas penadas aparecem para alguém, é porque precisam de orações. E o Paulo não fez.

A MULHER

DO MATO

DO
BARÃO



Só Assim

Foi num domingo pela manhã. Chovia uma barbaridade. Estava amarrada uma partida de futebol com a equipe do Clube Recreativo Visconde do Rio Branco e o clube Flor da Serra de Carazinho. O anfitrião, é claro, era o Clube Visconde. O chefe da equipe, aqui de Passo Fundo, era o pai aqui do cronista, tenente Eduardo Isaias.

Mas naquele sábado, ele estava de Oficial de dia no 8º RI.

A turma daqui ficou inquieta não sabia o que fazer, quando ali pelas dez da manhã, chegaram os visitantes. Aí foi aquele corre em casa, corre no quartel. Corre no clube. Mas o jogo tinha que sair. Os visitantes tinham chegado, o churrasco estava comprado. Iam jogar depois do almoço.

Um lá não sei quem falou, disse - vão jogar depois de comer o churrasco - vão morrer todos de congestão. Estes negros tão malucos comem e bebem como uns condenados, vão se matar de bucho cheio.

Mas qual, ao meio dia saiu o churrasco. Comeram e beberam até mais não poder e foram para o campo. O campo era o do Gaúcho, onde hoje é a Vila Vergueiro.

A chuva não parou, o jogo saiu. O goleiro de Carazinho pegava todas as bolas. Mas gostava de um trago. Botaram uma garrafa, bem no canto da trave. Ele viu, Passo Fundo ganhou por um a zero e o goleiro saiu carregado.

Excursão a Getúlio

Estava tudo combinado ia sair a excursão para cidade de Getúlio Vargas. Foram contratados dois ônibus.

Os dois levaram o pessoal do Visconde.

Um com o pessoal do Boqueirão. Os que moravam no lado de cá dos trilhos e o outro com o pessoal do lado de lá dos trilhos. Os negros se dividiam assim. Os trilhos que cortavam a avenida Brasil era o divisor referencial.

Os ônibus saíram do Visconde. E lá se foram, fazer festa em Getúlio Vargas. Lá os negros eram poucos. O clube tinha mais descendentes de italianos. Foi um a integração. Festaram a noite inteira comeram churrasco e salada de batatas. Que salada.

Já no domingo foram se meter na igreja. O padre não perdoou. Disse que o demônio fantasiado tinha vindo atormentar a cidade.

Na volta os ônibus não podiam andar.

Tinham de parar. A maioria dos viajantes, a pior salada fez um trabalho devastador. Foi praga do padre.

Solteiros X Casados

Era comum nos domingos à tarde, isto depois do baile no sábado ali no Visconde, sair jogo de futebol entre os casados e os solteiros.

Depois do jogo, independente do resultado vinham festejar no Clube, com aquilo que chamavam de matinê. Sempre com música ao vivo.

O jogo começava lá pelas três da tarde. Sempre jogavam dois times. O segundo quadro jogava primeiro, depois vinha o primeiro quadro. As partidas quase sempre terminavam empatadas.

Tinha um jogador que se chamava Maravalha, que sempre entrava na última hora. Ele usava sempre um calção todo rasgado e no fundo. O homem era um vexame quando corria.

Mas o pessoal não ligava. Até riam bastante, pois no fim, tudo virava em festa. Pois durante o jogo nos intervalos, em vez de água os jogadores tomavam um aperitivo.

Às vezes quando terminava a partida tinha jogador sendo carregado.

O Negro Tirolesa

Hildebrando era o nome dele. Apareceram em Passo Fundo, ali pela década de 30. No fim da década. Chegaram, por aqui, numa das melhores épocas da nossa sociedade negra.

Pois se aproximava o Carnaval. E tudo girava em torno do Clube Visconde. A apresentação deles foi feita, é lógico, dentro do Visconde. Todos gostaram dele. Até uma viúva, pessoa influente do clube e mãe de várias moças e rapazes, se engraçou nele e casou com ele, pois o Hildebrando era solteiro.

Foram formados os blocos de costume do Clube. Ele não participou de nenhum. Preferiu fazer uma fantasia diferente.

Mandou fazer uma fantasia de Tirolês. E olhem! Dali para frente, não só ele, mas toda a família, ficaram conhecidos como os tirolesa, sim no Singular. Com o passar do tempo a turma só chamava de Lesa, tiraram o Tiro.

O engraçado que eles eram negros bem pretos mesmo e tirolês é europeu das terras da neve. Mas nada, os negros foram chamados de tiroleses e se alguém queria se referir a eles e tratasse pelo nome verdadeiro ninguém sabia de quem estavam falando.

Se ficou descendentes deles por aqui, ficou sim. Gente muito boa.

Miquimba

O Miquimba era careca, pernas finas e tortas, de fala cheia de gíria, tocava vários instrumentos musicais como banjo, violão, trombone, gaita. Era metido a jogador de futebol, só que nunca conseguiu jogar na equipe principal do Gaúcho. É, ele era do Gaúcho, torcedor e jogava doente.

Miquimba era o músico principal do Visconde e também era músico da Banda da Brigada Militar aqui de Passo Fundo. Era talvez o único músico no Brasil, que naquela época, entre 30 e 40, tocava o Hino Nacional, numa banda e com um Banjo.

Se perguntassem pelo João, Ninguém conhecia. Tinha que ser Miquimba mesmo.

O ponto alto dele era as mulheres. Tinha uma atração terrível. E por mulher casada. Ele se achava o máximo. Entre as moças também era o tal.

Muita moça foi tirada a tapa do Visconde por estar dando bolas para ele.

No que deu o Miquimba

O Miquimba tinha a turma dele. Ele tocava em parque de diversões, em circos, bailes nem se fala. E levava a turma dele. Ele tocava muito bem o trombone, dava a introdução e as músicas continuavam à tocar, descia do correto para tomar cerveja na copa e namorar toda a moça ou mulher que olhasse para ele.

Das namoradas moças e deixou vários filhos e filhas aqui por Passo Fundo.

As casadas do tempo dele a grande maioria já morreram.

Ele fazia troça de todo mundo. Contava histórias e mais histórias. Só de malandro, se dava com todo mundo. Depois saiu da Brigada e foi morar em Porto Alegre. Por longo tempo lá na capital fez sucesso como músico e contador de vantagens.

Aí tomaram a mulher dele.

Viu só ! Então foi se consolar nos braços de uma negrona Mãe de Santo, ele virou Pai de Santo e anda lá por Santa Catarina.

A Palha

A comadre Soca, sabem que eu nunca soube qual era o verdadeiro nome dela? Bem a comadre Soca foi viajar, foi visitar uma irmã que morava em Cruz Alta.

A comadre Soca era uma das diretoras do bloco carnavalesco do Visconde. O compadre Salustiano era o Presidente do Clube.

O compadre Salustiano era pedreiro, pintor, carpinteiro e caçador dos bons. Muita construção, importante, aqui de Passo Fundo foi feita por ele. Ele trabalhou até na construção do Hospital São Vicente, do cine Pampa e do Turis Hotel e outras.

Bom, a comadre viajou. Antes de embarcar teve o cuidado de colocar uma palha na cama do casal. Lógico que o compadre não viu.

Ela ficou uma semana em Cruz Alta. Quando voltou, a primeira coisa, foi ver a cama. A palha estava do mesmo jeito. Aí o compadre explicou que tinha ido cuidar a casa de um homem.

A comadre completou - garanto que só tava a mulher lá, seu desavergonhado.

O Sapato

O compadre Salustiano era bom de festa mesmo. Ele morava quase em frente ao Clube Visconde. Era um negrão meio abugrado.

Não tinha filhos, mas criava uma sobrinha que tinha as duas pernas defeituosas, mas mesmo assim ela era boa de baile e não tinha complexo daquilo, até mesmo quando a molecada no colégio a chamavam de perna de facão. Era uma pretinha trabalhadeira, uma barbaridade. Ajudava a tia dela, a comadre Soca a lavar roupas para fora.

Era final de semana. O dia da Catedral, que o compadre Salustiano recebia o ordenado semanal e desaparecia até o domingo. Não deu outra. Naquele sábado, não tinha baile no Visconde, ele não apareceu. Só festa no Visconde trazia ele de volta no sábado. Domingo ele apareceu cedo dizendo que tinha amanhecido num velório.

Só que estava com um pé de sapato trissê e outro liso.

O Negro Chicão

Sem dúvida nenhuma, a maior festa da comunidade negra é a de São Miguel Arcanjo, lá no Pinheiro Torto, bem adiante do Boqueirão.

Como sempre uns vão a pé outros de carroça, hoje em dia muitos de automóvel, tem até a facilidade do ônibus. Mas há muito tempo não era assim.

O Chicão tinha uma camionete 29, toda ralada. Só pegava empurrando. Ele foi contratado para nos levar de manhã cedo, tudo pronto, embarcamos. A ida foi uma maravilha. Chegou a hora de voltar o Chicão de lata cheia começou a ter problemas com o veículo. Andava um pouco e parava. E o Chicão enloquecendo. E remexia no motor. Não queria que ninguém desse opinião. E nem descesse do carro.

Não sei quem inventou de dizer que tinha gente de mais no carro. O compadre Salustiano botou a perna para fora.

O Chicão gritou - ninguém desce. E o compadre, que era valente recolheu a perna.

A Surpresa

Que surpresa coisa alguma, quando alguém, ali do Visconde fazia aniversário, era programada a famosa surpresa. Eram os amigos que se reuniam e iam até a casa do aniversariante, pela parte da noite e lá cantavam, dançavam, comiam e bebiam à vontade. Só que quem pagava o próprio, era o aniversariante. É lógico que os visitantes também levaram alguma coisa.

O tio Antenor estava de aniversário. Ele era Sargento do 8ºRI e músico também. À noite a turma foi festejar com ele. Ele já sabia de tudo e estava preparado. No lado da casa tinha uma área, que ficava uns dois metros de altura do chão.

A turma bebia, dançava e ia sentar no corrimão da área. No para-peito, quero dizer. Aí avisaram não sentem aí, que pode cair! Mas que nada. A turma bebia, comia, dançava e ia sentar no para-peito.

Dalí a pouco foi aquele "para" e os caras desapareceram da área. Foi aquela risada dos que não caíram e a festa ninguém se machuco.

O Remeleixo

Era comum organizarem no clube do Rio Branco, blocos. Isto durante o carnaval, o que eles chamavam de assaltos. Mas não eram como os assaltos de hoje à mão armada e às vezes, até com violência.

Aqueles assaltos eram para comer, beber e dançar por conta do dono da casa assaltada. Mas o dono era avisado. Toda a família também.

Avisaram o pai, aqui do cronista, que a casa dele seria a próxima a ser assaltada. Desde cedo começaram os preparativos. Lá pelas 9 da noite, uma música muito animada rompeu no ar.

Lá vinha o bloco. Naquele tempo não existia passista. Existia o remeleixo.

O remeleixo do Visconde era o finado Fumaça, um negrão corneteiro do oitavo RI. Ele vinha na frente, puxando o bloco, todos fantasiados. Em frente da casa tinha o cordão da calçada. E o Fumaça de costas.

Não deu outra. Ele caiu que virou com as pernas para o ar. Levantou logo e a festa continuou.

A Carioca

Naquele tempo o Visconde podia acolher até quem viesse da Capital Federal, sim do Rio de Janeiro.

É não fazia feio. Chegou do Rio para o 8º RI um novo Capitão. Junto com ele veio uma pretinha muito engraçadinha. Bonita mesmo. A rapaziada do Visconde se alvorou. Como toda a carioca, ela era muito comunicativa. Em seguida enturmou Com o pessoal do Clube. Vinha nos bailes, nas reuniões dançantes, nas festas nas casas do pessoal do Clube.

Conquistou todo mundo. Só que ninguém conseguia as boas graças da carioquinha.

Quer dizer, ninguém, não. Tinha um rapaz que ela se engraçou.

Fazia bolo, fazia almoço, fazia janta, cantava, dançava, com ele e na frente dele.

Ele nada.

O problema da carioca é que ela se encantou, justamente pelo único negrão veado da época.

Na Charqueada

Charqueada era aquele local ali perto de São Miguel .Ali nas imediações do campo do aero Clube de Passo Fundo. Era uma das grandes indústrias trabalhando da nossa cidade.

Só tinha negro taura na charqueada. Era uma manhã. Destas que parecem completamente sem nada de anormal. Os que estavam trabalhando faziam as tarefas de rotina. Até conversavam como sempre faziam. Aquilo estava mais parado que água de poço. Um dos carneadores principais acabava de chegar. Foi entrando na parte onde abatiam o gado para depois retalhar e salgar.

De repente se ouviu um grito, meio entre desespero e assustado - Olha o boi brabo que escapou da faca. O gauchão que ia entrando com as esporas tinindo nas lages, arrancou numa corrida louca. Resbalou nas lages, e o boi em cima dele.

Arrancou do trinta e oito e atirou, o boi caiu nos pés dele.

Imigrantes africanos - Sua história, cultura e tradições

Apreço pelos parentes

A vó Júlia morreu como queria, em pleno baile, dentro do Visconde, trabalhando pelo clube. Ainda nova, já casada com meu avô Bento Isaias, foi reconhecida por seu pai, Comélius Denantes, primeiro cirurgião-dentista a chegar a Passo Fundo, vindo da França. Os descendentes conservam uma fotografia dele com toda a família, filhas, filhos, esposa e a vó Júlia. Depois ele foi embora para Curitiba. Minha avó teve vários irmãos e irmãs. Um dos irmãos se chamava Honorato; e as irmãs, Eugênia, Sulica (que era deficiente), Guilhermina, mãe da prima Herondina, cuja filha, a Maria das Neves, casou com um rapaz de Palmeira das Missões, onde a Neves teve filhos e morreu. A Herondina, que viveu a maior parte do tempo em São Paulo, não era gorda, mas robusta, troncada e muito vaidosa. Ia nos bailes do clube e pintava o rosto com papel de seda cor-de-rosa. Todas as moças da época eram doentamente ligadas ao Visconde do Rio Branco.

Das primas da vó Júlia, uma tinha o nome de Engrácia. Mas todas tinham ares de chique, usavam "tailleur", chapéu e boá (de pele de raposa) no pescoço, e falavam com sofisticação. Moravam no Boqueirão e gostavam muito do clube. Participavam de todas as festas da sociedade. Tinham também uma propriedade rural. Dizia-se que essas parentes da minha vó eram muito ricas, mas muito miseráveis, só abriam a mão, e um pouquinho, para o clube que sempre teve um poder mágico sobre os seus associados.

As parentes da minha vó Júlia tinham nomes esquisitos, quando não eram chamadas por apelidos - Inharica, Lazineira, Amantina. Dessa são conhecidos os descendentes. O Adão, artífice da prefeitura municipal, a irmã dele, professora aposentada, o sobrinho André é professor nos municípios de Sertão e Pontão. Fez curso de pós-graduação em História, na Universidade de Passo Fundo. Atualmente, reside em Sertão.

Outros parentes, mais especificamente a família da Dona Romana, não residiam no Boqueirão e sim na zona leste de Passo Fundo. Nem ela nem seu esposo, o Seu Pedro Dionísio Navarro, eram naturais daqui. Mas era passo-fundense a totalidade dos filhos. Dos troncos, somente as tias Pidoca e Marica estão vivas. Os netos da tia Pidoca não conseguiram aproveitar tanto o Visconde como os filhos da Hilda (que foi até rainha do Clube) e o Milton Luiz (que participou da diretoria). Por sua vez, o pai deles, o tio Milton Montenegro, natural de Júlio de Castilhos, veio trabalhar aqui como pintor, deu a maior força para o progresso da Casa das Tintas e nunca mais voltou para sua terra natal. Foi várias vezes presidente do Visconde.

A tia Marica, esposa do tio Antônio (natural de Alegrete), ferroviário aposentado, operador de locomotiva, trabalhou muito pelo Visconde, sendo um dos pedreiros que ajudou a edificar a atual sede. Os filhos e filhas, netos e netas, sempre participaram ativamente da sociedade.

O único filho homem da Dona Romana e Seu Pedro, o tio Adão, trabalhou muito, mas muito mesmo pelo Visconde. A esposa dele, a Mariazinha, foi uma criatura espetacular, muito humana e humilde. Criaram um filho, o Milton, apelidado de Careca.

O tio Adão mantinha uma amizade muito grande com meu pai e meus tios. Principalmente com o tio Antenor, com quem participou das diretorias do clube e ajudou a construir a sociedade.

Num baile, um meio amigo do tio Adão e do tio Antenor se desentendeu com eles. Nomeio da discussão, deu um tapa no rosto do tio Antenor, conseguindo escapar do recinto e sumindo por muito tempo. Certo dia, o tio Adão encontrou com ele. Não teve dúvidas, pegou o sujeito pelo pescoço e aplicou-lhe vários socos, avisando: "Isto é pra você aprender a não dar tapa de traição no meu amigo Antenor". E foi contar pro meu tio que já tinha acertado as contas com o tal fulano. O tio Adão era um negrão forte, alto, classificador de madeira do Benincá. Na juventude, foi charqueador, nas charqueadas de São Miguel, de onde contava histórias das boas.

Dirigentes destacados

O primeiro sistema administrativo do Clube Visconde do Rio Branco foi o presidencialismo, e o primeiro presidente, Claro Severo. Houve um revezamento entre eles, os fundadores: o vô Candinho, o tio-avô Titão (tio João Bernardo), o vô Bento Isaias, o Osório Severo, a tia Madalena Gorda, o tio Salomé (funcionário do estado, na antiga Comissão de Terras); o tio Domingos, o tio Eduardo, o Seu Salustiano (compadre dos meus pais e construtor da maioria das casas de alvenaria de Passo Fundo, por isso chamado de mestre-pedreiro ou pedreiro de colher inteira); e o pai aqui deste editor, tenente Eduardo Isaias (do Exército Nacional), que foi por muitos anos presidente da entidade; o tio Augusto Isaias (porteiro dos cinemas Coliseu, Imperial e Real, oficial de torrefador de café, da firma Max Á vila).

Tio Augusto foi o primeiro negro eleito vereador em Passo Fundo, pelo PTB. Como era o primeiro suplente, foi convocado e assumiu uma cadeira na Câmara, embora a fotografia dele não conste na galeria dos vereadores.

Também foram presidentes do clube o Antenor Isaias (primeiro sargento do Exército Nacional, depois escriturário da Viação Férrea do Rio Grande do Sul); o tio Celso Theodoro de Almeida (funcionário do Banco da Província, hoje Meridional, no qual se aposentou); o Altivo (esposo da Margarida, filha do seu Conrado, que era dono daqueles terrenos onde hoje se localiza a 7° DE; metade da quadra era dele, aquilo tudo por ali era propriedade do negro); o seu Valdomiro (ferroviário); o Pinheiro (funcionário da CEEE que, mais tarde, perdeu uma filha no incêndio das Lojas Renner, em Porto Alegre); o Elmo Pereira (bancário do Banco do Comércio); o João Paulo da Silva (sargento da FEB e ferroviário aposentado); o Olinto Lima (ferroviário aposentado, genro do tio Antônio Machado, pai do João Paulo da Silva, e construtor da sede do Visconde); o Eulião

Francisco da Silva (o Calião, funcionário da Corsan e músico, pai da primeira negra que se elegeu rainha do Carnaval de Passo Fundo).

Edy Isaias foi eleito por diversas vezes presidente do Clube Visconde, em cuja diretoria permanece, alternando cargos há 47 anos. O dr. Adyl da Cruz também foi presidente, o dr. Rudirnar Machado, a dra. Zilca Machado, o dr. Reinaldo Rodrigues e Rivadávia Marcondes de Oliveira (pai do Meca, contabilista e famoso craque de futebol do Gaúcho).

Foi também o Visconde um dos poucos clubes de Passo Fundo, talvez o primeiro, a optar pela forma representativa de administrar, ou seja, o sistema parlamentarista moderno. Elegeu um Conselho de Sócios e esse um Conselho Administrativo que, por sua vez, escolheu um Secretário Executivo que indica seus auxiliares para comandar a entidade por três anos. O último Secretário Executivo foi Leonel Custódio. Atualmente, o clube está parado, e o presidente do Conselho, Ismar Machado (militar do Corpo de Bombeiros), junto com os sócios remidos, organizou uma comissão co-gestora da sociedade, a qual está buscando restaurar a sede, semi-destruída.

Toda a comunidade negra de Passo Fundo é co-responsável pela situação do seu velho clube. Pois o que causou seu descalabro foi, exatamente, uma disputa tribal. Um sentimento que veio do continente africano. A luta de reinos querendo se sobrepor aos mais prósperos. Negros que pensavam ter sentimento pelo clube, mas não tinham. Queriam apenas gozar das glórias de uma sociedade organizada.

A realeza de alguns dirigentes

Foi num domingo, quando uma animada matinê movimentava o Visconde. Era pelos anos de 1939. O clube estava cheio de gente, associados e filhos de associados. Nós, crianças, estávamos brincando logo adiante, na casa do compadre Salustiano e da comadre Soca. O presidente era o tio João do Caroço, meu tio-avô. Houve uma desconfiança entre os membros da diretoria, e o tio Eduardo, irmão do tio João, foi até o meio do salão e gritou: "Pára a gaita!" A música parou. Então, lá outro lado, o Miquimba, disfarçando a voz, gritou também: "Segue a gaita!" Os músicos quiseram continuar, mas os velhos fundadores, enfurecidos, não deixaram. Foi a gota d'água. O descontentamento, que fez o tio Eduardo gritar, mudou de rumo. Todos saíram à cata de quem e com que autoridade tinha mandado a música prosseguir. O rolo iniciou no fim da tarde e entrou noite adentro. Meu pai, que estava e oficial-de-dia no 8º, veio acalmar a velha guarda do clube. Com muito custo deixaram a matinê continuar. Os velhos eram assim, permaneciam sempre na diretoria e mandavam mesmo. A diretoria era uma espécie de nobreza, tinha o rei, os condes, os barões e os príncipes, com uma escala de mando, uma hierarquia igual à das congadas. Mesmo sem os fardões das danças, eles exerciam seus papéis fora e dentro do clube.

Festival de arte

Ainda na década de vinte, o Visconde programou um grande festival artístico no cinema Coliseu. Hoje esse tipo de evento é chamado de "show". Como artistas, participavam a Dona Soca, a mãe de Edy Isaias, Dona Jandira Isaias, a tia Madalena Iaias, esposa do tio Augusto (na época moça ainda e muito bonita). Ela era filha do tio Calixto, proprietário de fazenda em Água Santa e Tapejara, homem respeitado como sendo um dos revolucionários mais temíveis por volta de 1893. Era mulatão forte, de grandes bigodes e melenas fartas, que vinha sempre visitar a tia montado um lindo cavalo baio. Só de olhar pra ele metia medo. Um homem que falava pouco e nunca o vimos dar risada. Outra artista era a tia Tereza, esposa do tio Celso, filho do tio-avô João do Carçoço, várias vezes presidente da nossa agremiação. Havia ainda muitas outras senhoras e senhores no palco. A fantasia básica da turma era a roupa de marinheiro. Os negros e negras mais antigos gostavam de vestir-se de marinheiro. Dizem que passaram um dia inteiro carregando coisas pro cinema e, afinal, o espetáculo saiu. Julgo que não foram muito bem, pois nunca mais tentaram realizar outro "show". Mas a sociedade passo-fundense da época se deliciou. Só os negros que não.

Crioulo excêntrico

Nos intervalos dos bailes e matinês, a turma se reunia, ora na casa de um, ora na casa de outro (fazer filó), principalmente à noite, para jogar víspora, um jogo muito interessante que depois foi proibido. As pessoas pegam três cartelas com números que vão de 1 a 90 ou 99. Num saquinho de pano são colocadas as pedras que, na verdade, são taquinhos de madeira enumerados de um lado. O cantador tira as pedras do saco e, em voz alta, diz o número para que todos ouçam. Os jogadores, com grãos de milho ou feijão, vão marcando, nos cartões, as pedras cantadas. Esse jogo era apenas um dos motivos dos encontros sociais da comunidade negra.

Numa noite, na casa de não lembro quem, apareceu um visitante. Homem de gestos refinados, muito bem vestido, inclusive de camisa de colarinho duro. E, num dado momento, as moças, principalmente as moças, olhavam para o colarinho dele e riam. O homem foi ficando incomodado. Negro não fica vermelho, fica cinzento. Num repente, ele puxou de uma adaga que trazia na cinta, assustando todo mundo, arrancou o colarinho bruscamente e, na frente de todos os presentes, fez picadinho daquela peça do seu vestuário chique. Passado o incidente, o jogo continuou calmo como havia começado.

O castelhano açougueiro

Foi na década de trinta que o Dom José chegou a Passo Fundo, indo morar próximo à rua Uruguai. Ele era um caso estranho, porque, embora negro, falava castelhano. Falava só, não, ele era castelhano, mas nunca soubemos se de nacionalidade uruguaia ou argentina. Usava um linguajar todo atrapalhado e tinha uma profissão muito nobre: era açougueiro e dos bons.

Dom José ficou logo conhecido pelo apelido de José Costela. O pessoal ia comprar esse corte do boi e o açougueiro indagava: "Entonces usted vai ajevar una cotiela?" Até ele se chamava pelo apelido. Quando aqui chegou, era solteiro. Provocou alvoroço no meio da moçada casadoura. Também porque se vestia diferente, até para trabalhar no açougue, que ficava ao lado do IE, onde hoje funciona 1ª Delegacia. Seu traje era um culote, botas, camisa xadrez, colete e lenço no pescoço. As botas sempre impecavelmente lustradas. O estrangeiro tornou-se uma figura muito destacada no Visconde. Já era um homem de mais de 30 anos quando aportou por aqui. Dizem que veio para trabalhar uma temporada, mas acabou se casando, constituindo família, teve uma filha e ficou pra sempre. Tempos mais tarde, já nos anos cinqüenta, montou uma bailanta na sua própria casa. Foram bailes famosos, onde a comunidade negra, da então Vila Sapo, festejava todos os sábados e domingos. Moços e moças do Visconde, de vez em quando, também apareciam por lá. Só que, as vezes, armava-se uma pauleira danada e um ou outro negro acabava expulso. Dom José Cotiela acabou morrendo de velho em Passo Fundo.

Músicos famosos

Dois músicos marcaram presença na história do clube. Um deles foi o Barão, filho da Dona Acíbia, proprietária de uma casa que fornecia comida, pouco adiante do Visconde. O Barão, como sempre foi conhecido, além de excelente zagueiro do Gaúcho, foi um dos melhores gaiteiros de Passo Fundo. Ele sozinho valia por um time do Gaúcho e sozinho animava os bailes importantes do clube, bastava um baterista acompanhá-lo.

O outro músico foi o maestro Alfredinho. Numa determinada ocasião, o pessoal do Visconde realizou uma promoção para comprar uma gaita nova para o maestro. Ele foi famoso nos programas de auditório da Rádio Passo Fundo, programas Maurício Sirotski, do Lamaison Porto, do Titio Valadares. Mais famosa ainda foi dupla Orlando e Alfredinho que, quando o Lalau Miranda esteve no Rio de Janeiro, comandado pelo jornalista Múcio de Castro, no programa do Renato Murce, eles foram convidados a ficar na Rádio Nacional, mas recusaram. A dupla era boa mesmo. Se fosse nos dias de hoje, estariam à frente de Leandro e Leonardo e outros. Além de cantores e gaiteiros, eram também excelentes compositores.

A primeira miss negra de Passo Fundo

Foi no ano de 1973. O Visconde entrou no concurso "Miss Passo Fundo", para depois concorrer a Miss Rio Grande do Sul, Miss Brasil e Miss Universo. A candidata era uma negra muito linda, alta, charmosa, de proporções impecáveis. Seu nome, Maria Ely Xavier, e concorria com mais três candidatas brancas.

O coordenador do evento era o jornalista Cezar Romero, representante do Diário de Notícias, órgão dos Diários e Emissoras Associados. Em vários locais da cidade aconteceram coquetéis. O Visconde também organizou o seu, segundo as opiniões, o melhor de todos. E chegou o dia do esperado concurso. Foi no Cine Teatro Pampa. Tudo indicava que o Visconde ganharia a disputa. E ganhou. A sede do clube foi pequena para acomodar o público que pra lá se dirigiu, a fim de festejar a escolha da sua candidata. A Maria Ely fez bonito na passarela. Também desfilou em Caxias, onde foi muito aplaudida.

Foi uma glória para o nosso clube a primeira negra passo-fundense eleger-se Miss da cidade.

Atualmente, a Maria Ely é proprietária de um atelier de alta costura e viaja pelas principais capitais do Brasil.

Carnaval alternado com outros clubes

Era tradição entre o Visconde do Rio Branco e o Clube Comercial alternar as noites de carnaval nos dois locais. Uma noite o pessoal do Comercial ia dançar no Visconde e, na seguinte, era selecionada uma turma do Visconde para dançar uns minutos no Comercial.

Para os negros, a presença dos doutores no seu clube era uma glória. Eles traziam as esposas e os filhos, e ainda faziam mais. Mandavam abrir dois ou três engradados de cerveja para a moçada. No dia seguinte, o comentário corria de boca em boca, alardeando a presença e a companhia dos grã-finos.

Depois o Juvenil começou a fazer o mesmo e também o Caixeiral. Até que aconteceu uma reviravolta social: os negros se associaram nos clubes e CTGs da cidade.

O Visconde sentiu a perda, já que muitos negros passaram a ausentar-se do seu clube. Na atualidade, com as casas noturnas e os bailões, as sociedades tradicionais precisam buscar alternativas, principalmente nas áreas cultural e folclórica, por uma questão de sobrevivência.

*do livro A contribuição e a importância das correntes migratórias no desenvolvimento de Passo Fundo

